

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO: Rua da Rosa, 27, 2.
Telefone: 1470 O.

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SOBRANO, 48

TELEFONES: Direcção: C. 3114

Redacção: C. 3114

Endereço telegrafico: DIBOA

A NOSSA politica africana O que tem sido? Um campo aberto á exploração de inconcessaveis interesses comerciais e de mesquinhos interesses burocraticos. Uma casa pobre e sem ordem, onde pouca gente tem sabido mandar e onde quasi ninguem sabe obedecer.

A agricultura, por falta de auxilio e de es timulo, não se desenvolve ou desenvolve-se muito lentamente. A industria é rudimentar. Vive-se da importação inglesa. O commercio florece nos centros de população, mas está quasi todo entregue nas mãos de estrangeiros. Em boa verdade, não constituem uma riqueza. Nem sequer um mercado para os productos nacionais. E' um commercio parasita, desnationalizado e pouco escrupuloso, todo feito por ingleses, holandeses e baneanes que não empregam um centavo no fomento da provincia. Ao sul, vive do oiro da emigração. Ao norte, vive do negro, explorando o negro.

Por toda a costa de Moçambique, á medida que navegamos para o norte, a nossa alma confrange-se diante das ruínas que falam do passado e das misérias que falam do presente.

Além de uma ou outra tentativa agricola, sendo de justiça salientar aquelas que actualmente se desenvolvem no territorio da Companhia do Moçambique e nas margens do Zambeze, pouco se tem adiantado desde o sexto dia do Génesis até aos nossos dias. A terra continua em grande parte abandonada, sem o sulco profundo de uma charrua, sem a mancha avulada de uma cultura, sem a toalha azul de um canal de irrigação.

Por toda a parte, encontramos apenas a inactividade esteril de uma burocracia despendiosa e a dependencia vectoria, mas necessarios, do capital estrangeiro.

O atraso em que vivemos, ao lado de visinhos que não dormem na forma—passe o argot de caverna—em grande parte á incompetencia administrativa e á levianidade governamental que protege os incompetentes.

Emquanto a pasta das Colonias não for neutralizada e continuará á mercê do primeiro colonial do Chido que se considere ministravel; enquanto os mais altos representantes do poder executivo em Africa não forem escolhidos entre os melhores, sem indicações nem imposições de igrejinhas politicas; enquanto o Terreiro do Paço não cercar de prestigio os seus delegados ultramarinhos; enquanto á instabilidade dos governadores colonias não lhes permita a realização de uma obra persistente e continua, todas as tentativas resultarão inúteis, por mais evidente que seja a boa vontade de um ou outro governador.

É claro que isto não constitui novidade. Quem visita a Africa, a nossa Africa, é que o sente muito mais do que aqueles que nunca saíram a barra do Tejo e se limitam a ver as colonias do alto de Santa Catarina da sua lamentavel ignorancia...

O PRIMEIRO congresso espirita portuguez realisa-se nos dias 15 a 18 do corrente, no Ateneu Commercial de Lisboa, á rua Eugénio dos Santos, havendo duas sessões em cada dia, das 14 ás 16 e das 16 ás 18. No dia 17 haverá tres sessões.

A entrada para as pessoas estranhas ao congresso faz-se por meio de convites.

CONTINUA doente de cama o nosso querido amigo e brilhante homem de letras sr. dr. João de Barros, que padece dom forte ataque de figado.

CONFIANÇA

Referimo-nos ontem á necessidade inadiavel de se realizar, dentro da Republica, uma larga e fecunda obra educativa que habilite o povo a ter uma noção justa dos seus direitos e deveres.

E' natural que haja creaturas que prefiram conservar o povo ignorante, mas soberano, visto que assim apparecem sempre belas occasiões para facilitar as aventuras bellicosas que têm levado aos pinaculos do poder individuos e bandos que, num pais com certa independencia mental, estariam condenados a uma obscuridade digna dos seus meritos.

Nós, porém, não deixaremos de pugnar pelo que entendemos ser uma cousa necessaria, mesmo para que se não diga que falta, entre nós, uma opinião bastante livre que defenda os interesses nacionais, nem se preocupar com os vozeiros de quem crê que a Republica dispensa o concurso da razão esclarecida.

A materia é inferior ao espirito, como a quantidade tem de ser subjugada pela qualidade.

Por motivos que não queremos agora especificar, as reformas do ensino, de que o primeiro ministro do interior do actual regime trouxe as grandes linhas, não corresponderam ao pensamento que as inspirou—que consistia em preparar, nas escolas, gerações aptas para levar a efeito a constituição duma mentalidade republicana.

Pesa-nos que tal se dêsse, pois que sem uma cultura que as acompanhe e firme na alma popular as revoluções afastam-se do seu objectivo, facilitando aos ambiciosos sem escrupulos e aos petroleiros sem moral a entrada no Capitólio.

Porque é que ainda hoje o problema da ordem publica embaraço, constantemente, não só os governos, mas todos os poderes do Estado?

E' que não se operou a estabilização dos elementos que, em vez de encaramer a Republica como uma ideia em marcha, acham preferivel explorá-la como um interesse dinastico.

As desordens e os motins, os pronunciamentos e as revoltas acabarão inexoravelmente no dia em que os demagogos tenham pela frente o povo consciente, capaz de distinguir o patriotismo das más intenções que o desvirtuam.

Quando é que a retórica se esgotará como uma fonte sem caudal? Logo que a intelligencia se torne sufficientemente arguta para não dar credito aos inventores de paraísos e aos propaladores de boatos incendiarios.

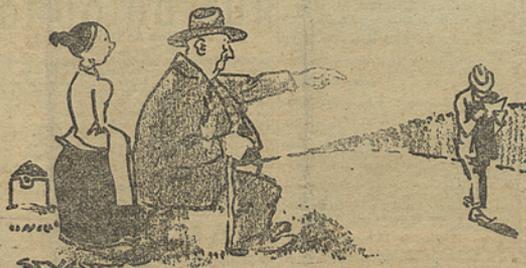
A opinião publica, numa democracia que se preze, não é a voz dum partido, dum club ou dum soalleiro, mas sim a voz da nação, produzindo-se sem receios de qualquer especie, como uma revelação do bom senso.

A incultura, que é quasi sinonimo da ignorancia, não tolera que o povo se liberte das mentiras que lhe impingem, segundo o processo apregoado pelo Diabo, ao entrar no *Auto da Feira*.

A educação, em todos os seus graus e em todos os seus ramos, transporta os principios renovadores, que os mestres advogam, para os costumes.

Esperamos que estes, a pouco e pouco, se convertam no maior esteio do regime...

OS CAMBIOS



—Aquele, é um dos deputados que fez com que a libra descesse...
—E não o mandaram prender?

O *Diario de Lisboa* publicou ontem, na primeira columna da sua quarta pagina, uma *Elegia Moderna* cujo autor não quiz melindrar nenhuma das pessoas a que fez referencia, porque por todas ellas tem a maior estima.

Podemos assegurar isto, embora elle não faça parte do grupo dos nossos redactores.

Tanto Julio Dantas como Afonso Lopes Vieira, Sousa Costa ou Alfredo Pimenta, são escritores da sua biblioteka e da sua devoção.

O desaparecimento proximo da livreria «Portugal-Brasil» suggeriu-lhe, sem sombra de malevolencia, um comentario em verso ligeiro e humoristico.

Houve, porventura, quem se ofendesse?

Esperamos que não, visto que o autor da *Elegia Moderna* não disfarça ofensas, sob a capa do anonimato.

De resto, os nomes salientados por elle são velhos amigos do *Diario de Lisboa*, com todas as honras nesta casa.

Quem tem uma obra a justificar o seu orgulho, não se acha á mercê de quaisquer graçoos, mesmo aciculados.

Não é este motivo mais que bastante para que ninguem se irrite, com o que era unicamente destinado a um leve sorriso?

Quem ouzaria, por exemplo, faltar á consideração que é devida a Afonso Lopes Vieira, cujo nome e obra são impolutos, como ninguem se atreverá a duvidar?

PARECE que a Companhia dos Fosforos não devia já, neste momento, ter outra existencia senão a necessaria para responder por todas as responsabilidades assumidas durante o monopolio de que foi concessionaria.

Acontece, porém, que o governo a encarregou de importar da Suecia alguns milhões de caixas de fosforos...

Não podia essa importação ser submetida a concurso publico?

E' de pasmar que expirassem o prazo de concessão do monopolio e que o regimen de produção livre se annuncie esteril como as areias do deserto.

Muito teremos nós que rir se, depois de tanto aranzel a favor da liberdade fosfofeira, o negregado regimen que se finou a 25 do mês passado ressurge, sob a invocação de razões que estiveram no espirito de muita gente, mas que raras tiveram a coragem de formular claramente...

RECEBEMOS ha dias o 2.º numero da interessante revista *Atlante*.

Os seus melhoramentos são consideraveis e a sua colaboração esmerada.

São dignos de nota os artigos: «Politica externa portugueza no reinado de D. João V», de E. Soares; «Pobre Camilo», de Carlos de Lemos; «Paulo Mantegazza», de Cruz Sobral, e a «Noção classica da Beleza», de Armando de Lucena.

FERNANDO de Almeida e Vasconcelos, professor da Faculdade de Ciencias de Lisboa, publicou uma obra digna do seu nome e da sciencia portugueza—*Historia das Matematicas na Antiguidade*. A edição pertence á livreria Allouard.

A. Pinto Machado, no seu primeiro livro de versos—*Sol de Inverno*, encara a vida sob um ligeiro veu melancolico, atravez do qual a vida se entromostra, na variada policremia das suas paisagens, das suas margens e das suas breves alegrias.

Um bailarino

O creador Plastico do Espaço

Num ambiente incandescente e de tapessarias arabes, o pianista vibrou o Momento Musical de Schubert; riscou o espaço a forma perfeita do Bailarino, que em ritmos luminados, cadenciava, allegro, fugidias atitudes de Estela, n' despertar adolescente, dessa voluptuosa pagina de Schubert, que teve um Creador Plastico.

Sendo pianor, inveje este iluminado, que no Espaço, cinzela formas, constrõe



O BAILARINO FLORENCIO (Desenho de Mario Eloy)

com harmonia, rica do Corpo, esmaltado de marfim velho, doirado, uma Estatuaria, movimentada de volupia, de embriaguezes, ondulações de fogo, de ritmos sinistros. Ele é o elegante amoroso que em curvas harmoniosas, dominado ras, conquista o Espaço e nele desenha, com a rapidez do relampago, uma sociedade transcendente, espiritualizada, as mais Belas Obras de Arte. O poder de abstracção, é tão grande, que o torna lirico.

O andamento musical, ia esmorecendo o Bailarino, embriagado com a propria Vida, finalizou a interpretação, a alegria adolescente, uma attitude atomizada, cansada de Viver; e n'aquele ambiente incandescente, e de tapessarias arabes, a sensibilidade requintada dum Artista, consagrara Florencio, o Bailarino Creador Plastico, do Espaço.

MARIO ELOY
PINTOR

OS GRANDES EXITOS

Os «films» de grande arte

Incontavelmente, o Cinema Condes, bate todos os recordos de estreias sensacionais. Em parte alguma do mundo se encontraris um programma reunido de atrações gigantescas, qualquer delas sufficiente para comprar e justificar um programa de preços elevados.

Assim, conservando em exhibição a genial produção de Rex Ingram, «scararouché» que tem sido o passo e o assombro de todo o publico culto, estreia-se hoje mais uma jornada, a 6.ª, do grandioso «films» em series «Jandira» o rei das contrabandistas, bem como um novo «round» de 30 minutos, o penultimo, da serie joia desportiva «O boxer aristocrata», pelo Apolo moderno Reginald Denny. Um verdadeiro assombro.

Lanifícios nacionais
 4 4 4 VENDAS A DOMICILIO 4 4 4
 1 1 1 ENVIAM-SE AMOSTRAS 1 1 1
VICENTE VINAGRE
 Arco do Bandeira, 219, 1.º (Perto do Rossio)

Pensão CALDEIRA
 Reabriu esta aco-
 tidada casa da
Travessa da Fata Só,
 44

MAPES
 HA SEMPRE GRANDE VA-
 RIADADE, DE OPTIMA CON-
 STRUCCAO, PRECOS REDU-
 ZIDOS.
 25-A-R. LUIZ SORIANO-27, 1.º E. (Ao Calhariz)

UMA CONFERENCIA de genio artístico e suas manifestações

No salão da Academia de Amadores de Musica, realizou-se uma interessante festa organizada pelo professor Tomaz Borba e em que as distintas cantoras D. Maria Gabriel, D. Emma Cordeiro e D. Alícia da Luz e Silva, o violinista Americo Lopes dos Santos e a pianista Florinda Santos, interpretaram obras do compositor português de meados do seculo passado, Sá Noronha, de João Passos, Frederico de Freitas, Lima Fragoso, Antonio Eduardo Costa Ferreira, Julia Orsato e Francine Benoit.

Todos os trechos executados alcançaram pleno exito, sendo muito aplaudidos os interpretes.

A nossa colaboradora D. Francine Benoit abriu o magnifico serão de arte com uma conferencia sobre: «O genio artistico e suas manifestações», notavel estudo, de que a seguir publicamos um extracto.

..... Nós estamos longe de conhecer mais do que por tradição tudo quanto existe como manifestação de arte completa; mas áquelas que conhecemos, tributamos um culto reconhecido, em que abrangemos a obra em si—como se fosse um ser dotado de vida propria—seus interpretes, (se os tem), e emfim seus autores, esses seres excepcionais, autenticos genios, a quem intuitivamente admiramos e consideramos como se fossem de outra essência diversa da nossa, muito mais elevada, muito mais pura do que ela.

Como se explica que esses mesmos genios sejam em regra acompanhados por tanta incredulidade, tanta incompreensão, de parte de seus contemporaneos? — Incompreensão esta por vezes tão cega, tão cheia de acidez, que acabaria por impossibilitar-lhes de proseguirem na sua rota—se alguma coisa tivessem o poder de toher os passos a quem foi lançado a este mundo com o ainal da fê ao peito e o bordão de peregrino na mão . . .

E que a humanidade—que, decerto sem saber por que, cultiva o paradoxo—temde para o absoluto, sem vêr que a contiuua evolução e transformação das coisas é—como que uma negação do absoluto. O nosso pobre espirito —indeterminado e inclassificavel—precisa de determinações e classificações; não as determinações vastas que guardam de bom grado lugar aberto, para mais algum hospede que a sorte lhe envie, mas as determinações fixas e definitivas—quando este mundo não apresenta nem sequer um unico molde fixo e definitivo. . .

E o que é o genio artistico, senão a faculdade que certos seres privilegiados recebem de alargar, ou renovar, os moldes e as formas já existentes? — Noção de mais uma parcela do equilibrio universal? . . . Faculdade e noção que são justamente o que falta ao comum dos mortais, e que leva os genios a ultrapassarem os limites que seus predecessores fixaram—porque estes não souberam ir mais além, e não porque qualquer limite que qualquer homem atinja não possa vir a ser ultrapassado.

Mas emquanto o comum dos mortais se não habituou aos horisontes novos que lhe estão abridos, enquanto não estabeleceu pouco a pouco pontos de comparação com os velhos horisontes, não se entrega de bom grado á contemplação, nem mesmo que um vago intuito o incite a essa contemplação.

Por outro lado, é evidente que uma criatura cuo o sensibilidade é bastante forte para se

traduzir em formas artisticas, e cujo poder de concepção e consciencia desse poder é bastante forte para a levar a romper com o uso sem romper com o indispensavel equilibrio, é evidente, digo, que essa criatura não ingressa com facilidade em nenhum dos compartimentos sociais estabelecidos e cotizados. Se nasce já com lugar marcado—quero dizer, se nasce o fortuna—é possível que se apegue e que lhe acobrem as exigências com benevolencia e amabilidade até; doutr modo, é mais difficil. Tanto mais que, se tem temperamento forte, disparata com facilidade; se tem temperamento de sonhador, está sempre na luz; se tem de lutar pela vida e com encargos, a injustiça de que se sente vitima por ter de sacrificar projectos elevados que nada tendem a classificar, não lhe produz munda fôrça, que no entanto, nada tem de genial, nem sequer de talentoso. . .

Torna-se assim difficil para o vulgo differenciar o desequilibrio provocado por faculdades excepcionais e os desequilibrios provenientes de taras e atóimamentos,—sem contar ainda com o número de pessoas que cultivam profundamente a originalidade e a exclusividade porque observaram esses predichos na maior parte dos artistas illustres. . .

Cada geração de humanos forma na sua maioria, um gigantesco nivelamento, em que parte da minoria que ficou desnelivada faz bossas, formando-se em aleijões, e a outra parte, formando-se em gigantes, e a terceira, assim tornam a humanidade sciente da sua participação ao infinito. E ao passo que cada geração tem difficuldade em reconhecer a natureza das anormalidades que entram no seu nivelamento, pode observá-las com mais facilidade nas gerações anteriores; as bolhas informes dos aleijões depressa desaparecem na grinalda do nivelamento—e ficam—enão bem perceptíveis as figuras em carne, cada vez mais nitidas á medida que o afastamento as coloca numa luz e numa perspectiva favoraveis, depois mais sumidas, até que, enfim, só fique visivel ainda a scintilação de alguma figura mais resistente ao afastamento pelo excepcional fulgor.

Francine Benoit

POLIGLINICA DA ESTRELA
 Rua Domingos Sequeira, F. S., 1.º — LISBOA
 Telefone 2002-Central

Policlinica DA RUA DO OURO
 Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
 Telefono N. 5533

Medicinas, operações, paleões — Dr. Armando Narciso — 4 h. Cirurgia geral, operações — Dr. Ernesto Villar — 4 h. Nervos, sensibilidade — Dr. Miguel Magalhães — 10 h. Pele e siliis — Dr. Correia do Figueiredo — 12 e 5 h. Nervos, sensibilidade — Dr. H. Leites — 4 h. Doenças dos olhos — Dr. Mario de Mattos — 2 h. Doenças das crianças — Dr. Cordeiro Ferreira — 3 h. Garganta, nariz e ovidos — Dr. Harão Oliveira — 1 h. Doenças das mulheres — Dr. Mendes Bello — 3 h. Doenças da senhores — Dr. Emilio Pinheiro — 2 h. Tratamento da Gafra — Dr. Ernesto Gomes — 5 h. Sane e dentis — Dr. Armando Lima — 10 h. Rinitis X-Dr. José do Padua — 4 h. Rinitis e otitis — Dr. Gabriel de Almeida — 4 h. Saneis clissicas — D. Gabriel Bento — 4 h.

"SANTINITINE"
 O MELHOR DE TODOS OS LIQOES
 DEPOSITO GERAL
 70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
 TELEF. C. 1196

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:
 Condessa da Arcochela, D. Virginia May Figueira Guiso Pinto Martins, D. Maria Luiza de Lacerda Pichon de Azevedo, D. Maria Carolina de Albuquerque Rebelo de Andrade, D. Maria José Pinto Bastos de Vasconcelos Guimarães (Rita Tamega), D. Julia d'Oliveira Mascarenhas e D. Ceimira Filipe Lopes Rebelo. E os sr.ªs:
 Antonio Vasco Hietza Fiebrer e Gonçalo Pereira de Castello Branco Hespanha Bastos.

A Caridade

«No país do Tristão...»
 No segundo quadro da revista «No país do Tristão...» que no noite de 25 do corrente se representa em 1.ª noite de cantada no São Luiz, e que no fallado «A porta do Godinho», em Sr. Eduardo Brazão, e do actor Eduardo Brazão, desempenha o papel de «Inbregalite».

Diplomatas

No «sud-express» de ontem, regressou a Haia, a sr.ª D. Raquel da Mata Marques de Carvalho Bandeira, esposa do sr. Antonio Bandeira, ministro de Portugal nessa cidade.

Recita Lima Cruz

Realiza-se no proximo sabado no Salão Nobre da Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, um recital da professora sr.ª D. Adelaide Lima Cruz, para o qual aquella artista organizou um programma em que figuram as mais belas produções dos consagrados compositores Schumann, Chopin, Liszt e outros a que depois nos referiremos.

Nascimentos

Tem e tem bom successo a sr.ª D. Mariana Ferreira de Mesquita Guimarães Mascara, esposa do sr. Antonio Lopes Veiga da Cunha Mascara. Mãe e filha coactas e lindas.

Pontos de reunião

No Colosso dos Recreios
 Assistentia elegante á primeira recita da modca de companhia de opera lirica italiana, que olem se realizou com a estrala do bariton Galleffi.
 D. Maria das Dires Ceresias Machado da Cruz (Queiroz) e filha, D. Alice Falia da Costa Monteiro, Mariana Artur Machado, D. Maria Augusta da Silva Freitas Cardoso e filha, D. Maria Virginia Pinto Teles da Costa, D. Herminda de Vasconcelos de Castro e Atalide Fialho de Castro, D. Maria Alberta de Castro, D. Luiza Carolina Pinto de Moraes Ferreira e filha, D. Maria do Carmo de Azevedo Oliveira, D. Virginia Luiza Cardoso, macedonista Costa e Silva, etc, etc.

No Campo Pequeno

Assistentia elegante á estrala de entes:
 Viscondessa de Silveira, D. Alda Guedes Pinto Machado e filha, D. Palmira da Costa e Silva, D. Amélia Moutão de Sá, D. Maria Felicidade, D. Maria Augusta de Carvalho Moraes, D. Maria Francisca de Aguiar, D. Celso Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, D. Adelaide da Silva Cardoso, D. Maria Adelaide Luz de Gama Sepulveda, D. Ana Cabral da Silva e filha, D. Maria Luiza Dotti Santos, D. Maria Emília Cabral da Silva Resende, D. Maria Luiza Machado da Silva Paiz, D. Alicia Barcelos, D. Maria Francisca, D. Maria Leopoldina e D. Maria Eugenia Neuro de Araújo Perestelo, D. Palmira de Carvalho Martins, D. Henriqueta Luz da Gama, D. Luiza e D. Sarah Forreirador de Maria Cardoso, D. Amalia de Lancaster, D. Manoella Jandira Hietza Ribeiro, macedonistas Costa, etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendevous» amanhã de tarde nas «matinees» do Salão Fex, e a noite no Palacete, a recita de cantada de 1.ª noite de «Polignone» no Colosso dos Recreios, segunda recita extraordinaria em que toma parte o bariton Galleffi com a opera «Baldino de Sevilha» e no Cinema Candeas «Sorris» de moda.

Em viagem

—Partiu para Paris o maestro sr. Joaquim Fernandes Fico.
 —Para Alverá, partiu de Abrantes, o sr. José de Almada e Melo.
 —Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Candida de Almeida Cordeiro de Oliveira, partiu para a sua casa de Belinho, no Minho, o sr. João Correira de Oliveira.
 —Partiu para Haia, no «sud-express» de ontem, a nossa brillante colaboradora sr.ª D. Maria de Carvalho. —Do Porto, partiu para Ponte do Barco, o sr. Sebastião Pereira de Vasconcelos.
 —Partiu para Lourdes e Roma na peregrinação, o sr. José Bento de Almeida, farmacocouto diplomado.

CARTAZ

TEATROS
 S. Carlos—A 21,30—O Sinal de Almaraz.
 Nacional—Não ha espectáculo.
 Trindade—A 21,30—O Capital Federal.
 S. Luiz—A 21—Frasquita.
 Avenida—A 21,30—Era uma vez um menino...
 Foz de Rossio—A 21,30—O Alentejo.
 Joazeiro de Almeida—A 21—A Severa.
 Anjo—Não ha espectáculo.
 Edén—A 21—Variedades.
 D. Maria Victoria—A 20,30 e 22,30—Rapallini.
 Golden dos Recreios—A 20,45—10 Illustres.
 Bairro Fox—A 20,45—10 Illustres.
 Balto—A 21—Variedades.
 Balto Alhambra—A 21—Variedades.

A's Senhoras
 Capsulinas para tratamentos varios, anal.
 Calcada de Estrela, 18, 1.º Esquerda

RETRATOS D'ARTE
 PHOTOGRAPHIA BRASILEIRA
 R. DA ESCOLA POLITECNICA, 141

POR TERRAS ALEMTEJANAS

Os festejos agricolas NA VILA DE ESTREMOZ foram um alto exemplo de trabalho

Na primeira cronica, escrita sobre o joshlo e cortada em parte por exigencias de paginação, referimo-nos a tradiçao local de Bernardim Ribeiro, o da Me-nina e Moças, pondo-lhe em duvida, por um lapso de memoria, a terra da naturalidade. Rectifiquemos isto que depois das investigações de Camilo e de Teófilo, e das opiniões de Innocencio, de Pinho Leal, Delfim Guimarães e outros, já não oferece demasiadas duvidas. O poeta nasceu na extinta vila do Torrão, embora por aqui vivesse e aqui deixasse recordações e descendencia.

* * *

Estremoz é talvez uma das mais lindas vilas do Alemtejo, com muita luz e muito ar, assada e limpa, luz electrica, agua fmeissima que lhe vem da serra, e um aspecto de sedutora gardenie que lhe fica bem. Dai, porém, a chamar-se-lhe a Cintra transtagna vai uma distancia infinita. Ou é preciso não conhecer Getra, ou ter a mania peninsular dos exageros. Estremoz é Estremoz, com todas as suas caracteristicas de terra alemtejana, uma grande ansia de progresso moderno e uma indesculpavel falta de amor pelo passado.

A cada canto ha belezas quasi perdidas em monumentos que são ruínas, como já otem frísimas, e em ruínas que teimam ainda em conservar-se monumentos.

A falta duma monografia

Dá-se em Estremoz o que se dá em quasi todas as nossas terras—a falta duma monografia que oriente o visitante, o guie, o lhe abra de par-em-par as portas da sua tradiçao artistica. Sei que Estremoz possui uma Monografia escrita por Sebastião Bagan. Procurei-a por toda a parte.

Não foi possível, sequer, pôr-lhe a vista em cima. Está expogada ha muito e ninguém, agora que Estremoz, recebe nas suas ruas milhares de forasteiros, se lembrou de que esse pequetinho livro era indispensavel. Ora uma terra que abrigou D. Diniz e que viu morrer dentro dos muros do seu castelo a Rainha Santa e D. Pedro I, que nas guerras da Independencia teve um papel importantissimo, que possuia a grande saia de armas de D. João V, um dos mais curiosos e importantes museus militares do seu tempo, e que teve, acima de todas estas importantes coisas, uma fundição de peças de artilharia, de grande nomeada, tinha obrigação de nos fornecer uma nota monografica das suas tradições, já que ninguém se lembrou ainda de crear, na risonha vila moresca, um Museu regional.

As ultimas ceremonias oficiais

Mas deixemos isto e digamos em quatro linhas telegraficas o que houve no domingo. As 11 horas, o sr. ministro da Agricultura inaugurou a exposiçao de trabalhos manuais, a que já fizemos as devidas referencias, e que constituiu um dos mais interessantes numeros do programa da Feira Franca, que este ano

instituida se manterá, de futuro, nos dias 9 e 10 do maio.

Da exposiçao de trabalhos manuais, dirigiu-se o sr. visconde de Pedralva para o Pavilhão de honra onde, por entre aclamações e entusiasmo, se fez a distribuicao de premios, lista que, por demasiado extensa, nos abstermos de registar. Todos ficaram contentes. Falou o presidente do Sindicato, sr. dr. José Rosado da Fonseca, e respondeu-lhe, vivavelmente impressionado, o ministro.

Todo o largo da feira, apinhado de gente, apresentava um admiravel aspecto da vida intensa da lavours alemtejana. Pena foi que a tarde agreste e friorenta não compartilhasse tambem nos mesmos entusiasmos.

A tourada

As 4 horas, tourada. Aqui, peço venia ao meu querido colega Rogério Peres, para duas linhas de referencia sem a minima pretensão de critica a coisas de que não percebo patavina. Gostei, porque houve muito trambolúchis e alguns dos corruptos, além de bravos, eram acrobatas, na mania fixa do salto da trincheira, o que fazia andar o homem dos bolos e mais o do amendoim em pelcos de aranha, perante as arremetidas dos bichos. Casa cheia, á cunha, com mais de 4000 pessoas a gozarem os requintes habilidosos do «bicho homem» contra a brutalidade compressiva da fera.

De vez em quando, do sol, as piadas ferviam:

—Prega-lhe um tiro! Mete-o á charral Fogel Olha que elle merral!

Os filhos de Theodoro Gonçalves castigaram a preceito os animazinhos que

lhes couberam, e Nuncio esteve, por vezes, duma felicidade entusiasmada. Um dos touros, o 1.º, tinha pelo cavallo, seu irmão das campinas, o cara o de cerezilha estiveram movimentadas e trabalhadas algumas fizeram levantar dos seus logares a fera humana em apoteoses de palmas vibrantes e sonoras.

* * *

O 2.º touro, acrobata distincto, logo ás primeiras, investidas corre sobre um dos espinhos e salta com ele a trincheira, ajudando-o a trepar, um pouco apressadamente, até á primeira fila dos espectadores. Foi um delirio. No seu comoteo, o sr. ministro da Agricultura assistiu ao espectáculo acompanhado pelo deputado sr. Alberto Xavier. A meio da corrida, ambos se entreliam comendo amendoins, coisa aliás que toda a praça vai fazendo, enquanto os campinos se vêm e se desejam para uma peça de cerezilha, que por sinal se não fez.

Como o frio aperta e o vento é desabrido, do 6.º touro em diante a debandada começa, enchendo-se de lis-a-lés as ruas da vila, áqueila hora já profusamente iluminada.

Á noite houve arraial e musica, e no teatro, Alves da Cunha, deu nos a peça brasileira «O homem que marcha», que a platéia não gostou, por a achar demasiadamente livre.

E foi tudo, e não foi pouco, o que nos offereceu, em dois dias de Feira Franca, a vila de Estremoz.

Alguns ligeiros comentarios

Agora anotemos alguns comentarios á

Dr. Alberto de Mendonça

Doenças da garganta, nariz e ouvidos Consultas das 4 ás 6 AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º

Dr. Medeiros d'Almeida

Doenças dos olhos — Cirurgia Consultorio Av. Liberdade 121, 2.º, 4 a 3 h. Telex. 908 C. Palleiros L. Gonde Barão, 12, 2.º, 4 a 3 h. Telex. 1903 N

Brum da Silveira Cirurgião dentista L. Gonde Barão, 12, 2.º — Telex. 1902 L.

MADAME Compre os seus chapéus na «MANON» Telefone N. 5551 Rua João Crisostomo, 115, 1.º

O NOTAVEL SABIO AMERICANO Como viver na terra para sempre? Grande e assombrosa mudança na historia do mundo, que rapidamente se aproxima... Juliz J. F. RUTHERFORD de Nova York E. U. A. — Autor — Librarian — Inventor das principais castanhas — O mais notavel autor e conferenciante na actualidade... ENTRADA GRATIS

margem dos festejos. Em primeiro lugar, não houve o necessario cuidado de se arranjar alojamentos para toda uma multidão de forasteiros, muitos dos quaes não encontraram pousada e outros tiveram dificuldades de comida. Depois, e isto é digno de registo especial, os servicos ferro-viarios não foram o que a importancia deste «certamen» agricola aconselhava. Houve dificuldade de transporte e deficiencia de comboios. Responsabilidade alguma pode ter nisto o illustre engenheiro director e seu querido amigo Plínio Silva, a quem se deve já hoje uma disciplina louvavel nos servicos do Sul e Sueste, muito para registar. Os comboios, chegaram todos á tabella. Mas o servico é moroso e insufficiente. Oito horas de Lisboa a Estremoz, é uma coisa pavorosamente intoleravel! E não se comprehende tambem que o malho especial do ministro, numa noite frigidissima como a que esteve, não offerecesse, a este alto representante do Poder Executivo, aquellas comodidades que até aos passageiros se deviam estender. Chegou-se a Estremoz e voltou-se a Lisboa perfeitamente regelado.

As ultimas palavras do ministro

Já no vapor, a caminho desta terra de Promissão, que é Lisboa, da qual tão mal dizemos, mas que é ainda aqui onde todas as comodidades encontramos, o sr. Visconde de Pedralva ratificava-me as suas palavras da vespera:

—Venho encantado. Em primeiro lugar foram todos para comigo de uma embandiçao extrema. Depois, a parafia agricola esteve soberba e digna dos maiores elogios. Tivemos lá uma exposiçao do muito que o Alemtejo tem progredido nos ultimos anos, nas suas industrias regionais. Gostei de vêr e de sentir o entusiasmo daquela gente, a vida, a orientaçao e o patriotismo daquela parte da provincia alemtejana, que a todo o Alemtejo deu um alto exemplo de estimulo e de trabalho que convem não perdemos de vista. Pela parte que me toca, quer como ministro quer como simples parlamentar, jamais esquecerei o muito de bom que vi, para as atender nas suas reclamações e pedidos, sempre que isso me seja possivel.

Realmente, Estremoz portou-se á altura dos seus creditos e das suas tradições de regiao agricola e industrial e a sua «Feira Franca», inaugurada de este ano, pode bem figurar na vida das suas aspirações regionalistas, como um grande ponto de partida para outros empreendimentos patrios. Não lhe falta meio ambiente para isso e tem acatentado amor dos seus indigenas ao progresso da terra, na sua ottima orientaçao e na união, á margem dos politicos de todos os seus homens categorizados, seguro penhor para um triunfo certo, sr. ponto de vista patrioticamente regional, agora apenas admiravelmente esboçado.

Paulo Freire

TINTAS ATLANTIC MARCA REGISTADA PARA NAVIOS e construcção civil T. do Corpo Santo, 21, 1.º — Lisboa Tel. C. 8127 — Telex. Warps

PIANOS e Autopianos Rolos Musicas Gramofones — Discos CASA OLIVEIRA — Rocio. 56, 57, 58

Doenças da boca, dentes e maxilares

Mannel Valente

Travessa do Corpo Santo, 29, 1.^o
(Esquina da Rua de S. Paulo)

Telefone, Central 1853

A Cidade

Prof. Angelo da Fonseca
DR. HORACIO MENANO

Rua e vias urinarias
Consultorio: R. de S. Nicolau, 119-2.^o
Residencia: R. de Ribeiro Sanchez, 28
Tel. C. 2343

Chá das cinco

Nocturno

Oigo o falar da gente humilde, numa rua velha, húmida e distante, onde todo o dia um berço canta, onde toda a noite uma criança chora. Acordam as estrelas sobre o rio, como pupilas inclinadas que fitassem a esperança próxima do lust que vai nascer com mantos de ouro. Em baixo, as rosas do maio que devem ser vermelhas, tão violento é o seu perfume.

Arde a cidade na gloria da noite, uma cidade dramática e extática, em degraus, em círculos de coliseu antigo, onde as paixões rugem como feras, degladiando o rosnobicho casto, virtuoso e romântico que a guitarra de maribeiro acorda agora num piteiril ingenuo... E tudo é distante, grande e inverosímil, desde o rio inenso até às árvores, boquiabertas em flores, desde os parques fechados e sombrios até às igrejas mortas abraçadas ao céu. A sombra é uma unica alma, a minha alma, a tua alma, todas aquelas almas que atravessam o destino, como um enterro nocturno, uma paisagem rochosa, amarga como um deserto, fantástica como um carvão de Goya incomprensível e tragico.

O espaço é a distancia e a terra um mar, onde a vida naufragal Porquê, rezar? E chorar? Se as nossas lagrimas não calam a dor mais profunda! Se a nossa dor é mais profunda que todas as dores alheias—se não começa ainda, apesar de ser noite, se não acaba nunca, apesar de ser dia, não há de morrer conosco—sombra eterna da fatalidade, crucificada em cada homem.

Artur Portela

PRISÃO

de cinco padeiros e apreensão de duas bombas

O tenente sr. Jorge de Carvalho, adjunto da P. S. E., auxiliado pelos agentes da policia de Investigação José Augusto, Filipe da Silva e Almeida, tom, nos ultimos dias, procedido a varias diligencias sobre os atenta dos dinamitistas e o abandono duma bomba de grandes dimensões numa escada na calçada da Mouraria.

Está mais o sr. Jorge de Carvalho, acompanhado de varios agentes, passou uma rigorosa busca a uma padaria, na rua da Bela Vista 47, propriedade da Companhia de Alimentação, deligencia esta que deu resultado, sendo ali encontradas duas bombas de rastilho de grande potencia, duas pistolas grandes, uma serraça e um revolver.

Este armamento foi apreendido e removido para a secretaria da P. S. E., sendo presos para averiguações os padeiros Albino Abrantes Castanheira, João Gonçalves Diniz, Celestino de Oliveira, Manuel Joaquim Cardoso e Manuel Duarte Pereira, os quais recolheram a varias esquadras onde ficaram incomunicaveis.

Todos estes individuos são empregados na referida padaria.

Um avião inglês

aterrará esta semana em Alverca

Brevemente deve chegar a Portugal pelo ar um aparelho inglês, pertencente a Aircreat Disposal Co., e que vem consignado a Sociedade Aeronautica Automobilsta, Limitada.

O avião, um "De Havilland" de tipo D. H. 9 vem vindo do motor Siddeley Puma, e é um aparelho de bombardeamento do tipo igual que fez a viagem à India,—17.000 milhas—com o Marechal Branker, Ministro Britânico da Aviação.

Já foi solicitada ao Inspector Geral da Aeronautica Militar autorização para a sua aterragem em Alverca.

O ANO SANTO

O que foi

A VIAGEM

da nossa peregrinação

de Lisboa a Lourdes

LOURDES, 89 de Maio.—Nós tínhamos, mais o direito, a obrigação de não escrever nada. Não vão esquecer-se o significado desta afirmação portuguesa de fi com o relato de notas de viagem que seguramente não interessam.

Mas o vicio de escrever, que em nós pôde ser em certas horas calmas de espirito, uma virtude—manda escrever. E como para attigo para o publico, e simples reportagem de factos, que é o nosso encargo, o que vimos é pouco, e está coluna de prosa em forma de carta, aos nossos colegas de jornalismo, se o leitor amigo dela não tirar assunto.

A peregrinação saiu de Lisboa, mas não começou ainda. Era preferível falar só da peregrinação, quando ela começasse.

Os comboios vieram completos. Uma das coisas que a meio trajecto me impressionou foi a de que esta gente se conhecesse toda uma à outra e não se conhecesse. Por exemplo, no compartimento X vão de conversa e intimidade de espirito ha longas, intermináveis horas algumas senhoras e cavalheiros. Isto succede em todas as carruagens. Falam, dizem de anteriores viagens da Fé ou de recreio, aludem a factos do conhecimento mutuo, e depois de muito tempo a gente ouve:

—V. ex.^{ta} pôde dizer-me quem são estas senhoras?

—Mas eu, minha senhora, imagina vá que...
—Nio. Nio sei quem são.
—As pessoas conhecidas vão sempre noutras carruagens.

Como é natural—os sacerdotes são muitos. Nos eclesiasticos ha tambem burguesia, fidalguia, humilidade. Isto distingue-se mais pelas conversas do que pela classe em que viviam. Em regra são todos amovéis. E mais; são todos alegres.

Nós imaginamos certa soturnidade para isto. Não. A alegria é o mais forte caracteristico. E a maior parte dos sacerdotes não se conhecem, e nem até distinguem os prelados uns dos outros.

As senhoras, em regra, já não são jovens. A Fé não é incompativel com a mocidade. A mocidade é que é incompativel com as peregrinações.

Ha os pais, os meridos. Ha sobretudo os filhos. Não seio muitas as senhoras da peregrinação com filhos pequeninos. Isto é em plena mocidade de consciencia e de independencia.

Os jornalistas vão num compartimento privilegiado pelo destino. O destino existe, sob a forma simpatica do acaso. Nesse compartimento viviam uma menina de onze anos —a mais nova da peregrinação— que como flores, rezava e adormecia a rezar à hora da sombra, como as flores; uma menina de dezassis anos, Maria Emilia Palma Leal, cuja graça natural, feita de ingenhos, espirituosos comentarios de collegio, enche de saude moral o cubiculo; outra, Maria José de Mendonça, de vinte anos, ainda com um vago ar coeval de quem falava Anstole muito inteligente e oitavo, porque a sr.^a D. Octavia de Freitas Branco Sasseti, de discreto, delicadissimo espirito; a sr.^a D. Maria de Castelo Metelo Luis Teixeira, respeitavel dama, mãe de um aviador, a todos os titulos simpatica e nobre; e ainda, com seu marido, um medico distintissimo, a sr.^a D. Amelia Lopes da Costa Leitão, mãe de oitavo, porque as avós, que o sabem ser, são sempre más dos pequeninos nascidos do seu sangue e do seu coração.

Como se vê —todas as idades, nos porticos gloriosos da aurora innocente e da maturação radiante.

Reza-se. Brinca-se. Reza-se. Conversa-se. Reza-se. Fala-se de letras. Reza-se. Viém-se os guias de Roma e de Florença. Os jornalistas —o do Mafrá— não rezamos.

Numa carruagem dos «wagons-lits» vai Sua Eminencia, um rapaz de 83 anos, e alguns prelados illustres, entre os quais o sr. Arcebispo de Evora, a envelhecer antes de tempo. Perito dos jornalistas—falta dizer—vão o sr. Bispo do Algarve, impressionante e adoravel figura de prelado modesto, de uma simpatia perfeita, cheia de suavidade, e o doutor Joaquim Pontes, secretario de D. Antonio Cardael, e que é a alma desta peregrinação portuguesissima. Porque isto é Portugal, e nós temos de fixar melhor esta nota.

Na carruagem grave, isto é, a do senhor Patriarcha, vão tambem senhoras distintas de Lisboa, entre elas, que firmamos ao acaso, alta, magra, desevolta, com seu casaco de viagem, familiarizada com o estrangeiro: sr.^a Condessa de Alferredre.

Em Santarem, apareceram os meudos do Seminario, a saudar Sua Eminencia. São engraçados, os pequenos. Os seus vicos comovem. Em Ciudad Rodrigo vêm as altas representações das autoridades eclesiasticas espanholas. Isto significa bastante. Em Salamanca—era madrugada fria, e lá para as geladas, desertas, abandonadas terras de Castela, ao longe chovia—em Salamanca estavam na gare duas irmãs de caridade portuguesas.

Entrou um franciscano. Entrou, não. Já viinho, e limitou-se a vestir o habito.

No caminho, de Portugal, empregados dos Caminhos de Ferro fazem questões por causa dos bilhetes. Isto não succede nem em Espanha nem em França. Na fronteira, a guarda fiscal portuguesa, muito cortez deveras dizer, põe certas praxas às revistas discretas dos malas. Isto não acontece nem em França nem em Espanha. Nas estações portuguesas não ha comer, nada quente ou capaz, pessoal desabrido e desatinado de espirito moderno de comerciar, isto não succede nem em Espanha nem em França.

Burgos, Primeira paragem relativamente larga. Oll burgos! Oll maravilha de beleza espiritual! Oll cathedral de sonho e de misticiamo perfeito e toleravel! Oll encantamento profano! Oll encantamento religioso! Oll graça de Deus e graça dos homens! Não durma nenhum artista, nenhuma alma enamorada de beleza, e de pé no seu leito de ouro ou no seu catre de pinho, julgando ter visto tudo—sem ter visto Burgos.

Pepo é certa licença para falar disto mais tarde, ou não falar nunca. Menos falar de corria.

Burgos—é a felicidade dos olhos, e um extase do que têm a alma longe do pecado original do jazz-band, da miseria de arte. Na cathedral diziam a uma mulher—eram 8 da manhã—missa em 17 altars. As capellas têm corchos de goteira apalhadas, daquellas de que fazava Hugo, e parecem furar o céu. Os sinos, de quarto em quarto, davam horas medievais, como missais velhos. Os meninos do coro ajudavam os officios, de batina vermelha, todos, e sobrepelizes infantis de renda gomada. Só numa capella lateral, o ministro de Cristo offiava, servido por um peliz da rua, mal calçado, humilde, que respondia em espanhol por não saber latim. O proprio padre tinha a humildade primitiva dos apóstolos ingenuos, e não altar Nossa Senhora sorria à pobreza.

Os peregrinos portugueses—oravam. Numa capella havia este letreiro: esmola para Santo Antonio de Padua. Um portuguez foi-se ao letreiro, riscou a lapis, que mal se viu, a palavra Padua, e poz: «de Lisboa». Como Nossa Senhora da Dorra, santo Antonio sorria.

No chão central da nave magnifica, opulenta, de cadeiras profundos e preciosos de

(Ver continuação na 2.^a pagina).

O THEATRO LIRICO

A

OPERA

"RIGOLETO,"

subiu ontem á scena

no Coliseu

Não foi apenas a genial partitura, cujo nome encima estas linhas; que clamou no Coliseu a enchente de ontem, mas sim o nome prestigioso de Gali Gali, um dos maiores baritonos modernos, cuja estreia em Lisboa constituiu um acontecimento artistico.

Embora Gali não tenha debutante, tivesse cantado em S. Carlos em 1909, a sua verdadeira estreia na nossa capital foi ontem, e não podia ser mais profunda e impressionante, nem mais entusiastico o acolhimento.

Quando na nossa terra se carrega o reclame, é certo que nos chega do estrangeiro, por muitos, uma modicidade quando não uma completa nulidade. Agora tínhamos a visita de uma autentica celebridade, de uma grande figura do teatro lirico contemporaneo, e, em vez de esperar, o publico foi pela publicidade abandonado ao seu instinto ou aos conhecimentos que já tinha.

E no entanto, poucos cantores da moderna geração se podem orgulhar de uma tão gloriosa carreira e que tantos elementos fornecia para uma boa e larga publicidade.

Gali é figura em todos os dictionarios biograficos de musicos. Tem feito os principais teatros da Europa e da America. Foi escolhido por Puccini para crear os primeiros papéis das suas operas "Fanchella del West", "Tabarro" e "Gianni Schicchi", por Mascagni para crear a "Amica", por Montemezzi para crear o nosso conhecido "Amore del tre Reo", por Toscanini, para colaborar na recitae e scena do "Aida", e no "Nero", opera postuma de Arrigo Boito, figurando tambem no primeiro desempenho do "Parsifal" na Scala de Milão.

Na recita de ontem, Gali esteve, como dissemos, á altura da sua categoria e do seu nome e melhor elogio não se lhe pôde fazer: sua voz, forte e bem timbrada nas passagens violentas, é admiravel nos trechos de suavidade, extensa nos graves, caracteristicamente baritonico, de uma extraordinaria facilidade nos agudos que provou nos três lías, que, sem o mais leve estorvo atacou nos 1.^o do terceiro e quarto actos. Os baritonos, por via de regra, ou pertencem ao genero Titta Ruffo, ou ao tipo Battistini. Gali reúne as qualidades destes dois generos, caso excepcional, que lhe permite abordar um maior numero de cellos vocais e dramaticos.

Como todos os melhores artistas, Gali não se distingue apenas nos trechos de suas passagens tidas por menos importantes adquirem na sua interpretação sempre acompanhada de um trabalho scenico admiravel, extraordinario relevo. No quarto acto, disse na perfeição a frase "De la vendetta", e o duetto final que não foi suprimido como tanto se tem pretendido.

A recita de ontem foi de uma magnificencia homogeneidade. O tenor Verselorsky cantou bem a "Donna é mobile", que foi precedido ainda melhor por uma brilhante recita do duetto do segundo e o "Ella mi fu rapita", do terceiro, trecho em que ouviu nutridos applausos mostrando que a voz bem coordenada, bella de timbre o apianando com facilidade nos agudos.

A sr.^a Elda di Veroli possuiu excellente voz, vocalisa bem e de uma irreprezivel firmeza, pelo que foi calorosamente applaudida no "Caro nome" rematado com um belo mi sobregado.

O sr. Griff, artista já nosso conhecido, foi a voz bem coordenada de timbre o representando com acerto.

A sr.^a Maria Gar, correcta "Madelena", e os restantes artistas, sr.^s Blaza, Verdugo, e o sr. Dotti, contribuindo para um bom conjunto.

Os coros e a orquestra, seguros, imprimindo o maestro Cooper o maximo relevo a todas as belezas da partitura.

LUIZ DE FREITAS BRANCO

COLLARES BURIACAS
Vinho de tipo inalteravel e inconfundivel
R. Nova da Trindade, 130, L^o - Tel. 5435-M.

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE: A'S 8-34- HOJE
A Lei da Hospitalidade
Comedia em 5 partes
A DAMA MASCARADA
Cine-drama modernista em 6 partes

MUSICA POLICIAL ...

A BANDA DA POLICIA o terno de corneteiros e a Republica

Hontem á noite, quando atravessavamos o Rocio, encontramos nos com o tenente Lopes Soares, que nos tomou o braço e nos encaminhou pela Avenida da Liberdade.

—O que me diz a banda de musica com que a policia vai ser dotada?
—Concordo absolutamente com ela.
—E os exercicios militares?
—Estou tambem completamente de accordo.
—Quais as vantagens?
—Eormes.
—Pode inumerar-las?
—Pois não! Desde que a policia está militarizada, não se compreende que não saiba marchar debaixo de fuma, nem manear a espingarda que lhe está distribuida.
—E o terno de corneteiros?
—E' para obrigar a policia, quando em formatura, a cadenciar o passo.
—Ha quem discorde...
—Mas não tem razão. Então os bombeiros, os alunos da Casa Pia, os alunos da Escola Agricola de Paia, os escoloteros e os alunos dos Populos do Exercito, não tem a sua banda de musica e terno de corneteiros?
—Dissemos que sim.
—Que mal advem da para a Republica?
—Diz-se que é uma copia do que se com bateu no tempo de Sidonio Pais...
—Então, nós não temos tanta coisa em uso do tempo dos Filipes, e até mesmo de Sidonio Pais?
—Vamos então ter concertos musicais de dois pela banda da policia?
—E que duvida ha nisso? Sabe qual é o melhor banda de musica do Rio de Janeiro? Confessamos a nossa ignorancia.
—E' a da policia.
—Mas onde vão buscar os musicos?
—A' propria corporação, onde ha musicos da armada, do exercito e da guarda republicana.
—Com quantas figuras fica a banda?
—Sem grande esforço, conseguimos arranjar 20 figuras dentro da corporação.
—E o serviço da policia não é prejudicado com isso?
—Não, senhor. E que tem o publico que a policia tenha banda de musica e reciba instrução militar? Protesta? Isso pouco nos importa. A unica pessoa que pode impedir esse melhoramento é o ministro do Interior. Mas, diga-me com franqueza, que mal faz a policia, tocando musica? Perigam as instituições?
—E' claro que não. Não. Achamos até bem que a policia se eduque e instrua. E, talvez assim por musica, se consiga fazer de um instrumento de harmonia...

A alegria e o prazer no "Bal-Tabarin"

No «Bal-Tabarin», da rua da Gloria, estreou-se a interessada e graciosa bailarina Luiza Real, que agradou plenamente, sendo muito applaudida.

Continuam exhibindo-se, com geral agrado, a celebre e engracadissima «donadella» Lucrecia Torralba e as «completistas», genero alegre, Angelita Orellana e Rosa Marina.

O proprietario do «Bal-Tabarin», que não se tem poupado a trabalho e a despesa para que o publico se encontre satisfeito, resolveu desde hoje inaugurar os balies ás seis horas da tarde, começando as sessões ás nove da noite.

E' quasi certo que no proximo sabado o «Bal-Tabarin» estará aberto toda a noite.

BLAGUEANDO ...

A aviação EM 1950 prevista e descripta por Gago Coutinho

Gago Coutinho tem sido acarinhado, amado por toda a cidade carioca. Quasi não o deixam em paz. São convites para festas e jantares, com patras solicitações de autografos, namoros de «reporters» para entrevistas sensacionalistas—o diabol!

Destas ultimas, uma entre as demais foi sobeada por toda a terra do Rio, pelo bom humor com que forneceu a um redactor da «Patria» curiosos dados sobre o futuro da aviação. Uma visão «gijlovernesca», num ar de «blague». Uma boa risada scientifica. Porqus o bom do Almirante costuma fazer suas pirraças ao publico—nem diz as coisas mais serias e graves como quem joga um «chiste». Mas sabe o que diz.

Foi o que aconteceu, no dia 18 de abril passado—o aniversario da chegada do «Fairrey 16» aos rochedos de S. Paulo, Gago Coutinho estava nos seus aposentos do Palácio Hotel. Um jornalista da «Patria» require uma entrevista. O almirante resolve conceder-lha e falar sobre... aviação em 1950, como se em 1950 todos víssemos ainda. Começa a descrever o Rio nesta época.

—O almirante faz «blague»—diz em certa altura o redactor do colega carioca.

—Não faço. E' tudo o que ha de mais provavel. Você, por exemplo, terá todos os cabellos brancos e será o chefe da redacção do jornal «A Patria» (edicao para aviadores).

—E ha queria uma opiniao sobre o que foi a viagem Praia-Rochedos—arrisca o jornalista.

—Isso pertence á historia antiga. Repare que estamos em 1950.

E ri. E graçea. E vai falando num tom que deixa o seu interlocutor perplexo.

—O almirante acha então que essa travessia, em 1950, deve ser facilima, não?
—Quarenta e duas horas, Lisboa-Rio!
E pega num lapis, traçando numa grande folha de papel as possibilidades aerodinamicas do avião do futuro.

—Em 1950, explica, os aviões serão de construção mista, isto é, de madeira e folhas de aço-nickel, inoxidavel. Esses aviões são todos construídos no Brasil, com materiais brasileiros e em officinas que foram montadas pela Companhia Latécoere.

Disserta sobre a superficie sustentadora, motor, carburação, azas, «panes», etc. A respeito dos motores, servem-se os aparelhos de tres—um funcionando e o dois de reserva. O novo José Benedict, entretavido ha dias pelo «Diario de Lisboa», está pronto. Não registou patente de invenção, e no Brasil, Gago Coutinho, sem querer, poz-lhe a descoberta á mostra. Com referencia ao caso, o Almirante assegura:

—Serão moveis, para facilitar o pouso com a maxima segurança que tem uma barca da Cantareira ao pouso no fluctuante do Phareux.

Sobre a descolagem, diz:

—O descolar carregado é feito como usavam os irmãos Wright, sobre estrada de ferro e locomotiva especial, sem ser necessario correr no campo sobre rodas.

E sobre «panes» tem esta boa graça:

—As «panes» não existem ou são tão raras como a sorte grande da loteria de Espanha...

Como para se manter no ar bastam tres motores, o avião não pode cair. Só para em Lisboa, no Rio e em Buenos Aires.

Depois diz coisas tranquilas e ponderadas. Falando sobre «Fuzelaje», acondicionamento de passageiros e malas, desenhando sempre e sempre esclarecendo, para se referir de novo e com muita ironia ao que será uma viagem aerea Paris-Lisboa-Rio.

—O aviões postais e de passageiros saem de Paris ao anoitecer e chegam 8 horas depois a Lisboa. E' aqui que os passageiros embarcam nos aviões especiais, transatlanticos de grande tonelagem. Essem avôz, saindo de madrugada de Lisboa, passam ao anoitecer desse mesmo dia na ilha do Sal (Cabo Verde) onde são reabastecidos de essencia em pleno vôo. Ao amanhecer, Pernambuco, e ainda em vôo, recebem as mangueiras das turbinas que e tornam a reabastecer e ao cair da tarde chegam ao Rio, onde ha instalações especiais para aterrissar e descolar. Depois de uma demora de 3 horas apenas, partem para Buenos Aires, onde chegam ao amanhecer do dia seguinte, com dois dias e meio gastos desde Paris.

Assim, pôde-se assistir ao curso e ballets de domingo gordo em Lisboa, voar na segunda-feira e chegar ao Rio na terça-feira, á tarde.

Tempo de assistir aos famosos cortejos das três sociedades e aos santuosos ballets de carnaval.

* * *

—E as comunicações com a terra?
—Essas serão feitas através do «Spontaneotorodofono», maravilhoso invento de um Edison que ha de ter nascido a estas horas...
—O jornal de bordo?
—Seria o jornal falado, tal como se faz atualmente nos gremios recreativos, que por cá tambem devem existir para tormento dos profissionais da imprensa.

Tolto os passageiros terão amplas informacões dos acontecimentos mundiais.

—Tão informados que poderia ouvir bater horas em S. Pedro de Roma ou dançar ao som do «jazz» dos «cabarets» de Montmartre.

E Gago Coutinho, sempre fazendo «blague», termina a descrição do avião de 1950 acrescentando:

—Pretendo nestas occasiões voltar ao Rio Tercei apenas 80 anos, o que, devido nos métodos de rejuvenescimento, não significará velhice. Farei nestas occasiões uma conferencia sobre a velha aviação, a aviação de 1922. E você, meu amigo, tal como ha 28 anos atrás, irá esperar-me na sua avionete, a Cabo Rio, para ser o primeiro a abraçar-me a bordo do transatlantico aereo, Lat. 100, «Santos Dumont», para onde passará, depois de haver pouso a sua avionete no tecto da fuzelaje.

Por fim largaremos os dois de bordo do Lat. 100 para irmos pouso no telhado de «A Patria», transformado em magnifico campo de aviação.

E o «Diario de Lisboa», em occasiões dirigido pelo Felix Correia, de lunetas de ouro e o grande barba grisalha, registará, como hoje, as suas declarações chistosas sobre a aviação no ano 2000.

Pelos teatros

Mimi Aguglia

Evocar o nome de Mimi Aguglia, o pernicioso comediante, é recordar uma das maiores sensações de arte que o publico de Lisboa tem visto. Pela Mimi Aguglia, italiana de nãoçencia—mas hoje no dizer de Bionvinto, a maior actriz esbanhoia, vem a Lisboa dar uma curta serie de «recitacões» no teatro de S. Carlos, encenando não em a «Ezra Bragg».

A comedia de Mimi Aguglia cobrará nos proximos dias um arca no mês, incluindo um repertorio de sessenta e cinco actos e mais de dez e seguintes medias para nós: «Infa», de Febrario Bracco; «Cada qual a sua maneira», de Frenco; «Cogneter», de Archibald; «A grande invenção do Tigm de Yerlos», segun para a America, de Norte de a terra do a um, tendo findado um contrato em New York e vir mais milha de bilhas.

«A Agriette»

O novo quadro commença a ser montado. Atraz Portugal reciba do director da «Teatro» e tradutor da obra «A Agriette» em scena no Teatro Politeama a seguinte obra:

Meu caro Atraz Portugal: Necessário ha arca em com a sua representação em Portugal. Sua avião e as ideias de Niccolini, ha de parecer a quem conhecere essa milha qualidade, que eu não viestes desentender o Mestre do Teatro Italiano, da critica que lhe fizeste ao novo quadro «Diario de Lisboa» de Montem. Dado porém, a circunstancia de o autor de «A Agriette» ter por principio, nunca estabelecer polemicas em nenhum, ainda que eu não tivesse a liberdade de fazer, como no caso a seguir. Não sezi eu quem alere o seu parecer, Respeitando, pois, a opinião daquele meu illustre amigo, peço-lhe, que, se a publicação destas linhas puder esclarecermos dos que te li, me— seu amigo: Mario Luiza.

«Os três anabatistas»

O primeiro acto da obra «Os três anabatistas», que no proximo sexta-feira 15, será a scena no Teatro de S. Carlos, em regia do actor brico Brigo, assina a montagem em scena caubano, «entrecena» e uma commo pavel açção commo.

O terceiro commoçencia a ser montado e a encenação da primeira media e da segunda.

Atrás do reposteiro

Parte no dia 1 de Junho para o Rio de Janeiro a Companhia Portuguesa do Opereta «Famado de Vasconcelos».

—Entrou hoje em scena, no «Teatro», a opereta «Mercado de Donzetas», a que se seguirá, em Junho, a revista «Dilões Patrias», com a colla regida artisticamente de Nascimento Fernandes, que está vindo apenas trabalhar naquella teatro.

A opereta portugueza com pela primeira e unica vez se representará no São Luiz, na festa artistica da actriz cantora Aldina de Sousa, é original dos escriptoras portuezas Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa com musica do falecido maestro Manuel Figueiredo.

—Do reposteiro da «donadella» Mercedes Sória, que, no proximo me de Junho se entrará no Teatro de São Luiz, fazem parte commo incógnitas e escriptas, especial mente para aquella artista, Mercedes Sória com os seus «donadellas» e ballet, em um acto sob pretexto por ella, tacha o espectralizado cujo primeira parte é constituida pela «bluette» em 1 acto «Chie Chierca» qual é a primeira parte a bailarina francesa Alxandrina e as actrices «regidas» do Casino de Paris.

—Diz-se que as actrices Amalia Fry Colago e Felizes Mendroso desapparecerão «de vez», pela necessidade que ambas têm de se submeterem a tratamentos de cosmogancia.

—Comença hoje as ensaios, no Eden, da revista «A cidade onde a gente se aborre», de André Brigo, sob a direcção de Henrique Sant'Ana.

—E' já depts de amanhã que, no Teatro Novo, será a scena, em «avant-premiere», a peça «Koch» de a viuvez de decaudada.

—Um recito annual de corpo eral terminou de S. Luiz, realizou se no noite de 22 de correcte, e em uma das esperetas de maior successo.

—As Hermanas Castilhanas, estream se amanhã no Alhambra, onde Emilia Carbonel e Carolina Enry occupam trabalhando.

—Encerram-se, proximalmente, no Algarve, a companhia Bérto de Bivar-Alves da Cunha, que já representou em Setúbal, Evora e Extremoz.

—O actor Samwell Diniz faz o sua festa artistica no dia 22, no teatro de S. Carlos, com a peça «Ninho de agulhas».

—Parte no dia 20 do Rio de Janeiro para Lisboa o empresario Antonio Macedo, deixando naquella cidade a sua companhia de revista, que ainda tem de percorrer novamente: S. Paulo e Santos e, no regresso ao continente, Bahia e Pernambuco.

—Entrou hoje em scena, no Avenida, pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a commedia espanhola «Os autores dos seus dias», traducção de José Samelto.

AUTOMOVEIS Victorias SALMSON
13 de Abril de 1925
Salmson Kilometro Lançado a Strasbourg
7. H. P. e 10. H. P. 1.º premio Salmson 7. H. P. com a media de 145 kil. e 800 m. á hora.
Armando Crespo & C. —Rua do Crucifixo, 118—Lisboa

Teatro AVENIDA Tele-fone N. 4356
 EMPRESA JOSE LOUREIRO
 Comp. Maria Matos-Mendonça de Carvalho
HOJE, ás 21-30
 A monumental comedia em 3 actos
ERA UMA VEZ UMA MENINA...
 Consagração da actriz
Maria Helena

EDEN THEATRO Telef. N. 3800
 Empresa Conceição Silva, Ltd.
HOJE ás 9 da noite HOJE
 Recita dos bilhetes
Pinhão, Arouca e Cecilio
 em que tomam parte Adélia Fernandes, Maria de Lourdes Cabral, Irma de Oliveira, Zuleima Estevescourt, Aurora Martins, Artur Rodrigues, Bill Bailey, Alfredo Henriques, Alvaro do Cambo, Francisco Costa. Um acto de variedades por notáveis artistas estrangeiros

Teatro MARIA VITORIA
HOJE E SEMPRE
 em duas sessões, ás 20-30 e 22-30
 A triunfal revista
Rataplan!
 Primeiro desempenho - Luxuosa e brilhantissima apresentação

Politeama Emp. Luis Pereira - Telef. 3028 N.
 Companhia Ray Colaco-Robles Mendico
HOJE, ás 9-15, Extraordinario SUCESSO
 com a nova em 3 actos de Dario Nicomachi, traducção de Mario Duarte e Alberto Moraes
A AIGRETTE
 SUZANA LEBLANC, Amelia Ray Colaco
 CLAUDIO LEBLANC, Alexandre de Azevedo

Aos Automobilistas
 A acreditada vulcanização de
FRANCISCO BERNARDINO - R. do Telhal, 21
 lembra que não mandem concertar os seus pneus e camaras de ar sem confrontar os preços de sua casa, que é a unica de Portugal a fazer de cambio, que mais barato e com maior garantia cobrem as novas e usadas os seus trabalhadores. Tambem tem coberturas novas e usadas. Esta casa é a unica que se responsabiliza pelos seus trabalhos.

ACABOU A GALVICIE
 COM O USO DO MARAVILHOSO
Especifico Mundano
 EXTRAORDINARIA EFICACIA
 Pródigo invento Assimilam-se já centenas de curas
 Mestram-se certificados autenticos
 O Depositario: JOSE FRANCO
 R. Eugenio dos Santos, 16-1.
 LISBOA

A INDUSTRIAL DE CARNES, L. DA
 Sêde e Escritorio
 210, Rua dos Correiros, 212
 LISBOA
 Telefone N. 5350
 Telegramas TRIALCARNES

Concessionaria para a venda
de Fiambres e Pasta Foie-Gras
 de acreditados fabricantes estrangeiros
 Especialidade em:
 Toucinhos
 Banhas
 Chouriço de carne
 Chouriço mouro
 Unto
 Presuntos
 Linguiça
 Secção especial
 de fornecimentos para
 Bordo, Roças, Hotels,
 Azilios, Cooperativas,
 etc.
 Preparação e fornecimento de:
 Carne de vaca
 salgada
 em barris de 100 quilos,
 propria para mantimentos de bordo
 Fornecedora das principais casas de
 Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa
Descontos aos revendedores

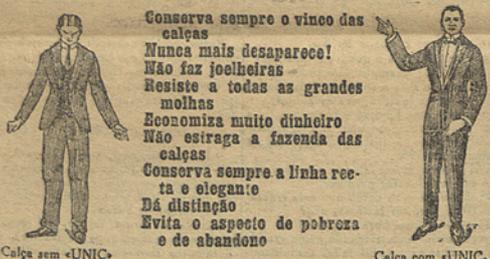
TEATRO DE S. CARLOS (N) TELEF. C. 3063
HOJE, ás 9-30 - Exitos sem rival da Companhia Lucilla Simões-Eric Braga com a sensacionalissima peça
O Sinal de Alarme
 Sexta-feira, 15, recita de ERICO BRAGA com
OS TRES ANABAPTISTAS

TEATRO da TRINDADE
 Emp. JOSE LOUREIRO TELEF. C. 876
HOJE, ás 21-15, Autentico triunfo
 da opereta de costumes brasileiras
A CAPITAL FEDERAL
 ORIGINAL de ARTUR D'AZEVEDO
 MUSICA de Nicolino Milano

TEATRO SÃO LUIZ
 Ultimos espectaculos desta companhia, que parte em breve para o Brasil
HOJE, ás 9
FRASQUITA
 Quinta-feira, 14, RECITA EXTRAORDINARIA A LEITEIRA D'ENTRE-ARROIOS
 Sexta-feira, 15, recita do maestro CRUZ BRAZ A PRINCESA DOS DOLLARS

PO D'ARROZ D'ARTISTAS
 O mais adherente. Amacia e avelluda a pelle, dando-lhe os tons mates
 : : : ca Juventude : : :

 O preferido pelas primeiras artistas
 Caixa 8550 - 1/2 caixa 5900
PERFUMARIA MENDONÇA
 43 - Calçada do Combro - 47
 LISBOA

ATENÇÃO!...
 Não ha calça elegante sem a fita
"UNIC"
 Maravilhoso invento inglês

 Conserva sempre o vinco das calças
 Nunca mais desaparece!
 Não faz joelheiras
 Resiste a todas as grandes molhas
 Economiza muito dinheiro
 Não estraga a fazenda das calças
 Conserva sempre a linha recta e elegante
 Dá distincção
 Evita o aspecto de pobreza e de abandono
 Calça sem «UNIC»
 Não é preciso voltar a passar a ferro
 Preço de reclame: Pita para uma calça, 7 Escudos
 Para a provincia franco de porto
 Depositarios: MAISON BLANCHE
 ROSSIO, 16

PREDIO BRILHANTES GRANDES
 Vendem-se numa das Avenidas, a Praça Duque Saldanha. Compõe-se de rez-do-chão com jardim vago, e dois andares com direito e esquerdo. Diz-se agencia de anuncios R. Augusta, 270, 1.
 SEM DEFEITO, paga de 3.000\$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. R. 24 de Julho, 60, 1.º (a Santos).

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
 LISBOA PORTO
 RUA DO OURO, 18, 24 PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29
 REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL.
 Operações financeiras - Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS
 GENERO MAPLE FORRADO DE PELLE, ETC
MOBILIAS
 GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAVO & Cª (FILHO)
 RUA DA AVALIA 36 a 40 - (Preço todo)
 TEL. C. 3082



CAMBIO OFICIAL

Table with columns: CÔMPRA, VENDA, Londres, cheque, Paris, Madrid, New-York, Amster-dam, Suíça.

CAMBIO OFICIAL

Table with columns: CÔMPRA, VENDA, Braxel, Itália, Praga, Brasil, Libras esterlinas, Agio de ouro.

ULTIMAS NOTICIAS

A NOSSA PEREGRINAÇÃO

MEIA noite em Lourdes a terra dos milagres

(Continuação da 4.ª pagina)

talha escultural de escultores predestinados, andava—isto dizia um futurista dos que nunca viram nada, e quando dião o primeiro passo mais alem do presente, enjôim—andava a câs estanhada das madeiras, a passear, vestida de burel. E mais ninguém, alem de nós. Subito, a um canto, vemos agitar-se, como vivo, um um cadeiral gotico, onde se sentaram e ador-meceram chantageis ás vespéras liturgicas. Um frade, vestido da propria côr do burel da mi-lagrosa talha, rezava como a tábua de Fra Angelico. Caim mais símos. E ouviam-se: «Tím... tím... tím...».

Raparigas espanholissimas, como mulheres de cartaz de Sevilha pela Semana Santa, ba-tiam no peito. «Mea culpa...». Mas eram horas do comboio. Diz assim um letrado á entrada de Burgos. «Ea esta ciudad está prohibida la mendi-cad y la blasfemia».

Caia agua e agua da chuva e a das fontes. Ao longe, a Cortaxa de Miraflores, onde um português, Sergio de Sousa — 19 anos — professou ha pouco tempo. Porquê? Só se professa por um «porquê». Por, vinda de Deus, uma grande graça, ou vindos d'os homens numa grande desgraça.

O comboio partiu. Mais Epanha. França agora, e sol, e infinito sol. França! Ha um bap francês numa gare, e frades, em terra de republica. Quando chegamos a Lourdes—ha pedaço-era meia noite. Duss mil pessoas arastavam malta, como mósos de fretes. Ião sorridentes, contentes de terem cantado, em harmonicas santissimas poesia, a Ave-Maria á vista da Virgem de Bernardette, iluminada no negrume da noite quieta.

Que esplendida, penetrante cantiga de Fé-cantico se diz—esta Ave-Maria, enquanto o comboio apitava e desliziavam centenas de au-tomoveis de uma centena de hotéis de turismo! Desvexáramos. Eairou sobre Lourdes—o a dos milagres e a da duvida de Zola — a alegria dos portugueses, uma especie de tunica lavada de pensamentos maus, e que impres-siona tanto como uma algazarra politica de pessimismo uma galgalhada cristallina e casta de fé. E tudo isto, senão a rir, contente, con-tento, feliz, socogado, resignado? daquelle mar-tirio das malas.

—Mas quem é esta gente tão alegre que chega agora, inundando o largo, as ruas, as outras gentes da alegria propria, que mais ninguém possue? A isto, dito assim ou de outra maneira, res-pondem um empregado superior dos Vagon-Lite, que julgo, director material da peregrina-ção, e como lhes dissesse: vocês sempre são muito ignorantes: —Gais? Mais sont los portugais... Ha realmente muitas pessoas por este mundo de Cristo que não nos conhecem, ou só nos conhecem dos telegramas. Mas a carta para vocês acabou. Veremos se posso escrever já amanhã o primeiro artigo.

Norberto de Araujo

A peregrinação

passou hoje a fronteira italiana VENTIMIGLIA, 12—A peregrinação portuguesa, em dois grandes com-bolos, passou hoje, á 1 hora da ma-drugada a fronteira italiana. Seguímos todos bem.—N. de A.

MARIO MONTEIRO

ADVOCADO COM AGENTES NO BRASIL Consultas das 10 h. ás 12 h. e ás 5 h. e ás 7 h. R. DOS FANQUEIROS, 114

NO TRIBUNAL DAS TRANSGRESSÕES

Acusado de matar um gato foi hoje julgado um estudante da Escola Politecnica

Os leitores nunca assistiram a um julga-mento no Tribunal das Transgressões, all na rua da Emenda? Pois váo lá que vale a pena. Nós fomos lá hoje, e achamos tanta graça que ainda estamos a rir ao escrever deste... * * *

Uma sala clara num segundo andar. Juiz o sr. dr. José de Abreu Magalhães Coutinho. Escrevão o sr. João José Goulão. Assistencia de policiaes, de populares, de estudantes, no meio dos quais algumas caras bonitas de ra parigas. * * *

A primeira a ser julgada é uma linda caixeira da Moagem—Ízilda de nome—olhos negros e inquietos, 18 anos assustados do apara-to da justiça. E' accusado de vender 2 quilos de pão com 20 gramas a menos e de ter na gaveta um peso de 100 gramas sem estar aferido. O sr. dr. Abel de Andrade—o advogado—interroga a primeira testemunha—um policia a paizana, todo bem vestido, côrdo, de meias de séda da côr da cara... * * *

Uma mulher nova—mulher e dias «ajectiva»-na sua pitoresca expressão—diz que a pequena, quando recebeu a contra-fé, ficou atôda passada... E' concluído: Ito é uma especie de raiz... —De rixa, quer dizer? —Não. De raiz... de raiva... Depois dum engarçado dialogo, a eró é absolvida, cedendo o logar a D. Julia—uma senhora quarentona,—acusada de ter atirado á rua um tacho com restos de comida, Testemunhas de accusação: dois policiaes; de defeza: rna senhora nova e um homem de péra... * * *

D. Julia diz que apenas pretendeu fazer sa-ber um gato... —Mas onde estava o gato? Não se sabe ao certo, e a certa altura con-clui-se que não foi ele, mas a filha quem atirou uma batata a um gato. O sujeito da péra depois de dizer que o guarda se atirou á rme, quando seria logico que se atirasse á filha, afirma: —A policia não autou por mal... Foi apenas—por costume... A filha—por sinal que os estudantes até se puzeram todos em pé ao vê-la—é uma engrada pequena, de gresol no chapéu. Confirma, o que diz a mãe que é absolvida, depois do que o juiz lhe recomendou, que nunca mais atirasse nada aos gatos... * * *

Um homem accusado de ter um côjo preto com malhas amarelas, sem licença, é absolvido, pela simples razão de ter licença, enquanto o paiziro, Silvino Covas é condenado a 20 escudos, por andar a vender pão num cabaz, sem açaimo, digo sem pagar imposto... São tambem absolvidos um sujeito accusado de ter posto vidraças nas janelas da sua resi-dencia no dia 31 de Janeiro, e um industrial que teve que fechar a officina, porque não dava nada... * * *

Chamado Augusto Rodrigues Pinto, accusado de vender leite adulterado. Um nosso conhecido colega: —Um crime de adul-terio... O Pinto diz que era o Pecheço que deixava agua no leite. O Pecheço diz que era a mu-

lher do Pinto. Um vaqueiro diz que era o fi-lho do Pecheço. Um mudo diz que sim e que não—e não se percebe bem. Gastam-se discursos com a Ribeira de Al-gés, as suas aguas, a sua qualidade. Um policia declara: Apanhámos o Pinto na estrada. Levámo-lo para o posto e tirámos-lhe uma amostra... Uma senhora forte, depois de varias corte-zias, afirma que o que diz é «o puro da ver-dade» e que o leite do Pinto «sempre nunca» tinha «do bom liquido». Outro policia diz que o Pinto «mugia a vaca da patrão e vendia-lhe o leite»... O Pinto é condenado a uma multa. E' julgado um carvoeiro—Ramón como todos—enfarruscado e gordo, que nunca está quieto. Depõem outros três Ramons que o defendem, e dois policiaes que o accusam de vender vinho ao domingo. E' absolvido. * * *

O julgamento de sensação é o do estu-dante da Escola Politecnica, Eduardo Martins de Scaura de Sousa, accusado de matar um gato á bengalada. Três testemunhas de accusação: uma velha, uma dactilographa e um rapaz. Três de defeza: dois estudantes e um cadete. O «juiz» declara: —Ainda passando com um colega que estava a atirarse a uma pequena, quando um gato se atirou a mim, a bur-far Julguei que ele estava assanhado e dei-lhe um pontapé. Voltou a atirarse-me e levou uma bengalada na cabeça, ficando a estrebuchar. Deitava espuma branca pela boca. E eu já ha dias linha sido mordido por um cão que me rasgou unos calças novas... De resto, nós não podemos estar á mercê de cães e gatos vadios... A filha diz que não viu nada: —Só «senti» uma pancada! O «advogado», o estudante Luiz Bas-tos Gonçalves: —Enão, foi em si ou no gato? —Não sei nada. Não vi nada. Só «senti»... A dactilographa, depois de declarar «pela sua honra» dizer a verdade, afirma que viu o animal ao sol, de barriga para o ar, que ouviu uma pancada e que o viu depois com hemoptises. O rapaz tambem não viu nada. Só ou-viu dizer... O estudante Estevam de Faria diz que viu o gato a saltar dum lado para o outro, como doido. O estudante Rui do Minho, filho do sr. Daniel Rodrigues, viu o gato a bufar. E o cadete João de Brito confirma que o bicho se atirou a ele. O «advogado» —Afinal o riu praticou um acto de le-gítima defeza. Viram-no a fugir? Se ca-biar, foi por causa do pai da meimdo namoro. Está provado que o gato bu-fava. Malhar cães e gatos vadios, segun-do relativos scientificos, é fazer bem á humanidade, livrando da raiva. Poco que o meu constituinte seja louvado e absolvido. Assim se fez, saindo todos os estu-dantes a bufar—Fifi!... Fifi!... do Tribunal para o carvoeiro mais proximo, a afogar em vinho o medo dos sete anos de azar que o povo atribue a quem mata um gato... * * *

Grigorifilos—Baldes para gelo—Caixas frigorificas—Filtros «Mallié» para agua, simples e com geleira—Sorvetieras de todos os tamanhos (desde 1 a 20 litros)—Palhas para refrescos. Enc: missimo sortido na Antiga Casa José Alexandre 3 a 18 RUA GARRETT Telefone C. 699

A POLITICA DA TARDE

QUAL será o governo que faz as eleições?

Estíamos a vinte dias da reabertura do Parlamento e a politica animarse, apesar de cada vez mais confusa e desorienta-da. Quere o sr. presidente do ministerio que logo de entrado se discutam os or-gamentos, e nesse ponto de vista per-mance convencido, como está, do que é absolutamente preciso entrar-se na normalidade constitucional. Entretanto, porém, os politicos agitam-se, conferen-ciam, mexem-se, num azaflama que na-da tem de orçamental, mas muito de politica e da peor, que é a politica das eleições. Diziamos ontem, a proposito o sr. Ribeiro de Melo, senador radical: —Não se entendi! Andam todos a ver qual deles conseguiu o penacho para o acto eleitoral. Dai, este mal estar em que se vive.

Do facto, assim é. O que preocupa neste momento a atenção dos dirigentes da politica republicana não é a discussão dos orçamentos, é a formação do gover-no que ha de vir a dar ao acto eleitoral. * * *

Vai accesa a luta entre os varios inter-ressados no monopólio dos fostoros. Ningu-m comprehendê a situação da Compañia nem a attitude do governo, uma Companhia que sem concurso se propõe a ser a unica importadora de novos par-tillos fosforicos, e um governo que não abriu ainda, para tal, concurso publico. Segundo as nossas informações, será este o primeiro assento a ser tratado em S. Bento, pelos Deputados da opposição e para alguns da maioria e independentes. Da opposição, tomarão parte no debate que já se anuncia, além da minoria mo-narquica, os srs. Ferreira da Rocha, Pedro Pita e Cunha Leal.

Da maioria democratica, os srs. Paiva Gomes e Carlos Pereira. Da Accção Republicana, os srs. Alvaro de Castro e Antonio Correia. E dos independentes, pelo meu lado, o sr. Nuno Simões, que será possivelmente o deputado de maior Camara levantarão o assunto. Só estes por hoje os nossos informes. Parece que, segundo a opinião geral, o governo tem já elementos para responder satisfato-riamente ao Parlamento, dando-lhe a quasi certeza de novas industrias a crear, no norte do país, e urando de actual Companhia em concorrência com essas empresas. * * *

Nos ultimos dias, tem havido reuniões de graduados vultos da Republica para a hipótese da formação dum governo que substitua o actual.

Como todos querem a chefia desse go-verno, é possível, se não certo, que fi-que o actual, embora modificado na ti-tular da pasta do Interior que, por todos os lados da Camara se encontra conde-nado a sair. Até 1 de Junho, porém, muitas modificações se darão ainda no as-pecto geral da politica, parlamentar, e por isso, dando até lá, que se ir registando, como fazemos hoje, as mudanças que se forem operando na marcha dos acontecimentos partidarios.

Uma importante reunião

Reuniram-se hoje, na Associação da Agricultura, os viticultores do Sul para protestarem contra a falada importação do alcohol estrangeiro. Presidiu o sr. José Relvas, secretarioado pelos srs. Silvestre Sequeira e Miguel Gonçalves. Falaram os srs. Luis Grima, Figueira Borges, dr. Flago Salles, Ferreira Lopes e outros que protestaram contra a importação de alcohol estrangeiro. A h'ra a que escrevemos continua a sessão.

«Diario da Tarde»

Resappareceu ontem, com grandes modifica-ções, o nosso prezado collega Diario da Tarde, que cumprimentamos affectuosamente.

Armação

Vende-se, servindo para qualquer artigo. Rua de S. Paulo, 75.